

## A FRUTICULTURA DE CLIMA TEMPERADO

### Racionalização e fomento deste setor da agricultura nacional

Eng.<sup>o</sup> Agr.<sup>o</sup> Joaquim I. Silveira da Mota

(Recebido para publicação em 15 de Setembro de 1947)

Várias têm sido as medidas que se tem sugerido para racionalizar e fomentar a nossa produção frutícola de clima temperado.

Como é natural, muito de útil e de interessante tem sido proposto para êsse fim, mas, também, entre as medidas sugeridas, algumas há que se nos afiguram inoperantes e até mesmo possíveis de serem prejudiciais se viessem a ser adotadas pelos poderes públicos responsáveis pela condução da agricultura nacional.

Somos de parecer que o problema da fruticultura de clima temperado, como os demais problemas agrícolas brasileiros, não deve e não pode ser considerado sob pontos de vistas extritamente regionais; se prejudicial poderia vir a ser qualquer solução visando apenas os interesses e as possibilidades de um dado Estado, muito pior se nos afiguram soluções restritas para o problema de determinadas zonas de um mesmo Estado. Êsses problemas assumem caráter nacional e, como tal, demandam soluções de caráter também nacional, gerais e uniformes para o país, afim de serem evitados maiores prejuízos ainda.

A fruticultura de clima temperado, não encontra, por exemplo, condições ecológicas favoráveis apenas nas regiões de Porto Alegre e de Pelotas, para particularizarmos o caso em relação ao Estado do Rio Grande do Sul; nêste mesmo Estado existem outras zonas capazes de permitirem êsse gênero de cultura e, ainda outros Estados as oferecem igualmente. No Estado do Rio de Janeiro temos, entre outros, os municípios de Petropolis, Teresopolis, Friburgo, etc.; no Estado de Minas Gerais, os municípios de Parreiras, de Poços de Caldas, de Baependy, de Andradas, etc.; no de São Paulo, os municípios de São Roque, Jundiay, Amparo, São José do Rio Pardo e outros; no do Paraná, a extensa região de Cerro Azul, Rio Brando, Colombo, Bocayuva, São José do Pinhais, Curitiba, Campo Largo, etc.; no de Santa Catarina, o fértil e extenso vale do Rio do Peixe, etc., são outras tantas regiões que reúnem

<sup>1</sup> Chefe da Estação Experimental de Pelotas — (M. A. — C.N.E.P.A. — S.N.P.A. — I.A. S.)

condições ecológicas capazes de, se bem orientadas e tecnicamente assistidas, virem a constituir verdadeiras Californias para a produção de frutas de clima temperado. Talvez mesmo, pela menor percentagem de úmidade atmosférica que apresentam, essas regiões constituam a melhor zôna do País para a produção de boas frutas para mesa.

Mistér se fáz, portanto, procurarmos uma solução de caráter geral, que permita o funcionamento, em conjunto harmônico e econômico, de todas essas regiões, para a produção de frutas de clima temperado.

Essas regiões, em muitos casos, oferecem condições de clima e de sólo semelhantes e, por êsse motivo, para evitar a concorrência simultânea nos mercados de consumo, de frutas da mesma espécie e variedade, de procedências diferentes, o que viria provocar baixas de preços, com evidentes prejuízos para os produtores, é indispensável que o problema seja estudado em conjunto, afim de que, em cada uma dessas regiões as espécies e variedades se alternem na produção, encontrando sempre mercados desafogados e preços vantajosos. Com a procura de soluções regionais, parceladas, nunca se conseguirá chegar a tais resultados e, portanto, não se solucionará o problema da fruticultura brasileira, como é necessário fazer.

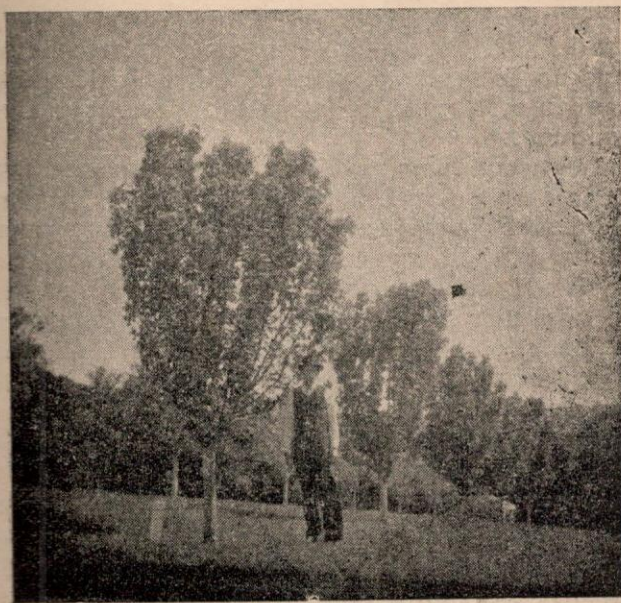
A reorganização da nossa fruticultura tem que se processar com critério nacional, tendo em vista as necessidades do consumo interno, as exigências da industria brasileira de conserva, as possibilidades da exportação e as condições de cada zôna produtora do País. Deve se coordenar os cultivos, de maneira que os diversos centros de produção se complementem, evitando que a fruta de uma região venha a prejudicar a de outra. Cada centro produtor deve se dedicar à poucas variedades de cada espécie, para que estas alcancem alí o máximo da perfeição e suas frutas possam ser obtidas com o mínimo do custo de produção.

Nessas condições, afigura-se-nos de capital importância, encarar o problema com vistas mais amplas, mais gerais, do que como desejam alguns interessados nas questões da fruticultura nacional.

Aspêto de capital importância, sob o ponto de vista econômico, vem a ser a completa desorganização, sem a menor conjugação de esforços e de recursos, em que se encontra a classe dos nossos fruticultores, sujeita a toda a sorte de prejuízos, sobretudo os causados pelos intermediários e industriais menos escrupulosos, que apenas visando os seus próprios lucros, nenhum interesse têm em favorecer aos produtores. Êsse aspêto sómente poderá ser solucionado, pela organização dos nossos fruticultores em coope-



Pessegueiro "Elberta"  
na E. E. P. (fot. Mota)



Pereira "Le Conte"  
na E. E. P. (fot. Mota)

rativas de produção, mediante as quais lhes seria facultado manter um ou mais técnicos no próprio local da produção, orientando-os e amparando-os em tôdas as fazes da cultura, controlando os trabalhos de póda, de enxertia, de irrigação e drenagem, dos tratos culturais, do combate racional às doenças e pragas, da colheita e embalagem da fruta, etc.

O exemplo dos produtores de laranjas, neste Estado, dos municípios de Caí, Montenegro, Taquara, etc., é bem uma prova do que vimos de afirmar. Quando, em 1934, assumimos a Inspeção do Serviço de Fruticultura, do Ministério da Agricultura, em Porto Alegre, a exportação de laranjas daqueles municípios, não ia além de mil a duas mil caixas anuais e ainda assim mesmo de fruta de má qualidade.

Reunidos os esforços da nossa repartição com os das dependências dos Serviços de Fomento Agrícola, Economia Rural e Defesa Sanitaria Vegetal, também sediadas em Porto Alegre, tratamos de organizar aquêles citricultores em cooperativas de produção e, isto conseguido, em 1936, ao deixarmos aquêla Inspeção, a exportação já atingia a 55.000 caixas anuais e a fruta daquela região obtinha então, em Buenos Aires, dois pesos mais por caixa do que a procedente do Rio de Janeiro e de São Paulo que, como sabemos, eram os maiores produtores de laranjas do Brasil.

Para isto ser conseguido bastou um esforço de coordenação e a conjugação de recursos, por parte dos técnicos oficiais e dos próprios produtores, para se atingir o promissor resultado que acima apontamos.

Bem sabemos que o problema da cultura da macieira, do pessegueiro e de outras frutas de clima temperado não será tão simples de solucionar como o daquelas frutas cítricas, porém quanto a essas culturas, também os recursos de que já dispomos são muito maiores. O Ministério da Agricultura e as próprias Secretarias Estaduais de Agricultura, já possuem, no momento, várias Estações Experimentais onde o problema da adaptação e da seleção da variedade de fruteiras de clima temperado vem sendo carinhosamente estudado por inumeros colegas, tôdos eles dispondo de elevado cabedal de conhecimentos técnicos, capazes de perfeitamente resolverem o problema em tempo relativamente breve.

As nossas Estações Experimentais — federais e estaduais — vêm silenciosamente, como convém mesmo aos estabelecimentos de investigação e pesquisa, trabalhando e procurando solucionar os magnos problemas da nossa fruticultura. A adaptação, a seleção de espécies e variedades de fruteiras, mais que no caso das plantas cultivadas em geral, exige tempo bastante grande para se chegar

a bons resultados. Não é possível supôr-se que investigações dessa natureza possam ser levadas a efeito em um, dois ou três anos, como se pôde fazer no caso de certas culturas anuais. Nossas Estações Experimentais são relativamente novas e, investigações sobre culturas de plantas perenes exigem dez, vinte é mais anos para se poder chegar a resultados satisfatórios, capazes de serem divulgadas e entregues a exploração particular.

Particularizando melhor o assunto, podemos esclarecer que, na Estação Experimental de Pelotas, vêm sendo estudadas e observadas atentamente tôdas as espécies de fruteiras de clima temperado, capazes de apresentar resultados econômicos em seu cultivo nesta região; assim é, que temos aquí em estudo:

37	variedades de	pessegueiros
80	"	" macieiras
42	"	" ameixeiras
3	"	" nogueiras
2	"	" amendoeiras
9	"	" castanheiros
19	"	" figueiras
3	"	" damasqueiros
24	"	" pereiras
9	"	" oliveiras
12	"	" marmeleiros
5	"	" caquizeiros
14	"	" cerejeiras

Além dessas variedades que aquí já vêm sendo observadas aproximadamente ha sete anos, em 1946 introduzimos mais as seguintes, para ampliar nossa coleção pomologica:

49	variedades de	pessegueiros
39	"	" macieiras
60	"	" pereiras
15	"	" figueiras
12	"	" marmeleiros

Tôdas essas espécies e variedades, são aquí estudadas de baixo dos múltiplos aspétos do problema de sua adaptação, produção, métodos e processos de enxertia, póda, etc., bem como sôbre elas são feitas as observações fenológicas necessárias — início da brotação, início e fim da floração, frutificação, maturação, colheita dos frutos, quéda das fôlhas, etc. — e, igualmente, as questões da adubação e da polinização dessas espécies e variedades são tratadas com o devido carinho.



Macieira "Jonathan"  
na E. E. P. (fot. Mota)



Trabalhos de poda na E. E. P.  
(fot. Mota)

O problema de capital importância, da escolha dos porta-enxertos para essas espécies e variedades de fruteiras, também está sendo devidamente estudado pela Estação Experimental de Pelotas e pelas suas congêneres. Reputamos, no caso particular do pessegueiro, o problema do porta-enxerto como talvez o mais importante de todos os que devam preocupar o técnico e o fruticultor, pois, com o verdadeiro cáos em que se encontra o assunto entre nós, será absolutamente impossível obter-se boa fruta, seja para mesa, seja para industrialização. A questão da escolha e reserva das plantas matrizes das quais se devam retirar as borbulhas ou os garfos para a enxertia, é outro aspecto de máxima importância em todos os setores da fruticultura de clima temperado, sem a observância do que nunca se conseguirá racionalizar a produção de qualquer espécie ou variedade frutífera.

O combate às doenças e pragas que atacam as nossas fruteiras, é igualmente problema de vital importância para a melhoria da nossa produção frutícola; o problema vem sendo carinhosamente estudado pelas Estações Experimentais e demais serviços oficiais, federais e estaduais, porém é de solução bastante complexa, pois, para se chegar a bom termo neste particular, seria também necessário estudarmos uma legislação de caráter compulsório que obrigasse a todos os proprietários de viveiros e pomares a fazerem os tratamentos indicados pelos técnicos, visto como de nada adianta tratar convenientemente apenas pomares e viveiros isolados, quando outras culturas frutícolas da região permanecem infestadas por toda a sorte de parasitos, constituindo verdadeiros focos de infecção de onde esses inimigos da fruticultura se irradiam com toda a facilidade.

Não somos partidários da importação constante de novas espécies e variedades para sua adaptação entre nós. Em nosso País já possuímos extensas coleções pomológicas e, além disso, possuímos também "seedlings" de grande valor, que devem ser racionalmente estudados para que deles se possa ajuizar conveniente. De que nos valerá ampliar desmedidamente o material a estudar, sem que o seu estudo se execute racionalmente e sobre ele se chegue a conclusões de valor realmente técnico e econômico? Terminariamos por cair num verdadeiro cáos, num labirinto de variedades desconhecidas, sem nunca podermos concluir algo de útil.

Estudemos sim, com tódos os recursos científicos e materiais de que possamos dispôr, com verdadeiro patriotismo e abnegação, sem a preocupação de querermos avançar a passos de gigante, o material de que já dispomos e estamos certos de que chegaremos a bons resultados.

Procuremos solucionar os nossos próprios problemas e organizar as nossas classes produtoras à salvo da ação nefasta dos exploradores mercantilizados e faremos obra de valor real e solido.

O elemento - homem, - de que dispõem, o Ministério da Agricultura e as Secretarias Estaduais de Agricultura, é da melhor espécie e, com o recurso da extensa bibliografia, nacional e estrangeira, de que dispomos, êsse elemento poderá desde que se lhe facultem os necessários recursos materiais, aquí mesmo solucionar êste e outros problemas da agricultura nacional. O mais será fazer encaenação ôca e ineficiente.

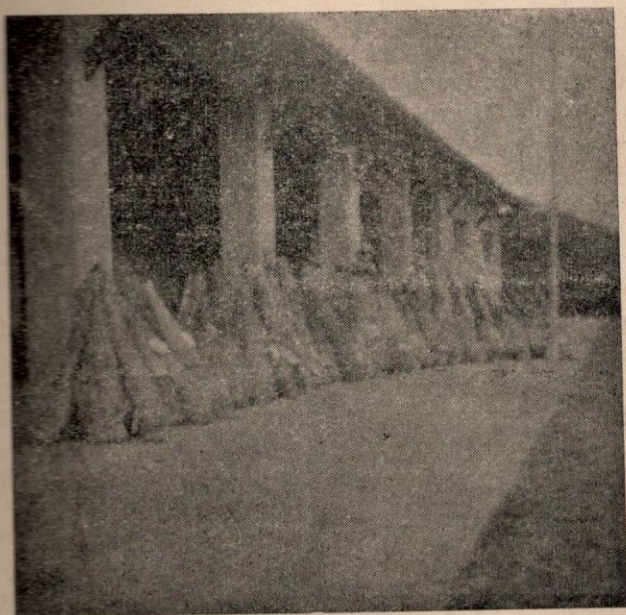
À título informativo, ao tratarmos aqui de medidas tendentes a racionalizar e fomentar a nossa fruticultura de clima temperado, julgamos interessante mencionar a chamada "Campanha da Fruta", programa traçado, em 1930, pelo Ministério da Agricultura de Portugal, país que, como sabemos, é um dos maiores produtores de frutas dessa natureza. Êsse programa inspirado com seguro critério técnico e com uma lúcida compreensão econômica, tocando em tódos os pontos, descendo a tódos os pormenores, pôde, ainda hoje, servir de norma às atividades do poder público em matéria de fomento da fruticultura. A "Campanha da Fruta" teve um duplo objetivo: difundir em primeiro lugar, as boas práticas culturais e econômicas, já experimentadas e consagradas pela técnica, para o máximo aproveitamento das plantações existentes; e, em segundo lugar, estabelecer as bases racionais dos pomares a serem instalados e a organização metódica de um moderno comércio de frutas.

Desde que os poderes públicos brasileiros desejem se interessar, realmente, pela racionalização e fomento da nossa fruticultura de clima temperado, somos de parecer que, tomando por base, em linhas gerais, o programa da chamada "Campanha da Fruta" instituído em Portugal, poder-se-ia, perfeita e facilmente, realizar a sua adaptação às nossas condições, recursos e possibilidades, traçando-se então um programa verdadeiramente equilibrado para o amparo da nossa fruticultura, sector da economia agrícola brasileira que merece tódá a atenção dos govêrnos, pois que, bem orientado e coordenado poderá vir a ser inestimável fonte de riqueza pública e particular.





Um dos viveiros da E. E. P.  
(fot. Mota)



Enxertos prontos para distribuição  
na E. E. P. em 1947 (fot. Mota)